



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 51-70

O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico

Adolescence, listening, speech and the being-possible of students on psychological duty

Janderson Costa Meira

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A adolescência, enquanto fase do desenvolvimento, tem apresentado transformações contínuas, principalmente no que tange à relação consigo mesmo e com o outro com o qual transita cotidianamente. As demandas são variadas e se torna necessário o entendimento das vivências. O objetivo deste estudo é compreender o adolescer e sua pluridimensionalidade diante das experiências trazidas no plantão psicológico pelos adolescentes de uma escola da rede pública de ensino em Manaus sob o viés da psicologia fenomenológico-existencial. Foi utilizado o método misto em pesquisa onde temos o viés quantitativo trazendo os aspectos mais prevalentes foram alunos aos 13 anos, ensino, sem religião, raça parda e as demandas existenciais mais presentes foram relações familiares disfuncionais, crises de ansiedade e abuso sexual por parente muito próximo. O viés qualitativo trouxe falas relacionadas à relações familiares disfuncionais, crises de ansiedade e violência sexual por parentes próximos, corroborando com o que foi encontrado no aspecto quantitativo. Conclui-se que a pluridimensionalidade das vivências e o mergulho na existencialidade possibilitou o encontro onde o acolhimento, a escuta e o cuidado foram fundamentais para que os adolescentes pudessem compreender que em si mesmos está a possibilidade do enfrentamento.

Palavras-chave: Adolescência, existencialidade, psicologia fenomenológico-existencial.

Abstract

Adolescence, as a phase of development, has shown continuous transformations, especially with regard to the relationship with oneself and with the other with whom one has daily contact. The demands are varied and it is necessary to understand the experiences. The objective of this study is to understand adolescence and its pluridimensionality in face of the experiences brought in the psychological duty by the



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescents of a public school in Manaus under the bias of phenomenological-existential psychology. The mixed method was used in research where we have the quantitative bias bringing the most prevalent aspects were students at 13 years old, education, no religion, brown race and the most present existential demands were dysfunctional family relationships, anxiety crises and sexual abuse by a very close relative. next. The qualitative bias brought statements related to dysfunctional family relationships, anxiety attacks and sexual violence by close relatives, corroborating what was found in the quantitative aspect. It is concluded that the pluridimensionality of the experiences and the immersion in existentiality made possible a meeting where welcoming, listening and care were fundamental for the adolescents to understand that in themselves was the possibility of coping.

Keywords: Adolescence, existentiality, phenomenological-existential psychology.

Introdução

A proposta deste estudo vem no sentido de apresentar uma leitura fenomenológica das várias dimensões presentes na adolescência com alunos da rede pública estadual de ensino em Manaus a partir do encontro no plantão psicológico.

Tematizando a adolescência

A adolescência, enquanto fase do desenvolvimento, tem apresentado transformações contínuas, principalmente no que tange à relação consigo mesmo e com o outro com o qual transita cotidianamente. Percebe-se, entretanto, que muitas das ações desenvolvidas necessitam um olhar mais amplo sobre a contemporaneidade e o modo-de-ser adolescente.

A contemporaneidade é uma época que poderíamos denominar de sui generis. Essa denominação se dá pelo fato de, cotidianamente, sermos surpreendidos pelas mais diversas situações que nos arremessam contra nós mesmos e contra o outro, fazendo-nos percorrer caminhos que sequer supuséramos pudessem existir. E,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

neste contexto, a adolescência tem sido alvo de uma série imensurável de fatores intervenientes origem de dor e sofrimento.

Trabalhar com adolescente significa estar diante, muitas vezes, de um barril de pólvora. As transformações físicas e psicológicas inerentes a essa fase do desenvolvimento tem trazido um sem número de situações com as quais as configurações familiares e relacionais desse sujeito não têm conseguido lidar. É premente que lancemos nosso olhar sobre o contexto do adolescer para além das fantasias teóricas formuladas para obter o controle e não a compreensão verdadeira desse interregno existencial.

Mudanças consideráveis podem ser observadas no dia a dia contemporâneo no que tange ao adolescer. Não há como nos furtarmos a ver que a adolescência não é apenas “transição” – como algumas teorias ainda fazem questão de pregar – mas, é momento de designarmos nosso olhar para além de constructos caducos e que não conseguem mais responder a pluridimensionalidade do adolescer e isso, tem trazido uma constante “desorganização” no modus operandii de como lidar com adolescentes.

Se há alguns anos, a dimensão do olhar preconizava que deveríamos estar atentos às mudanças corporais, os caracteres sexuais secundários e, com isso, a prevenção da gravidez precoce, hoje precisamos manter um olhar para muito além. Dada a ingerência e a facilidade em consumir tecnologia, o adolescente deve ser acompanhado – não no sentido de controle – orientado acerca das vantagens e desvantagens da rede mundial de computadores e a grandiosidade da velocidade das informações.

Portanto, como nos diz Castro (2020; 2021) nossa contemporaneidade nos conclama a despir o véu da intolerância vivenciada como cuidado para realmente nos aproximarmos desse



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescente e compreender a sua vivência, a sua experiência cotidiana. Não mais o jogo infantil, mas o jogo patológico virtual; não mais a rebeldia e a agressividade por elas mesmas, mas as relações construídas e constituídas por esse adolescente; não mais a gravidez na adolescência, mas as relações abusivas que se tornaram algo muito característico em nossos dias; não mais a brincadeira de boneca, casinha, esconde-esconde, mas a violência sexual contra meninas e meninos que grassa a vida moderna; não mais a literatura “mais forte”, mas a imersão em sites de encontro e de exibição de filmes pornográficos; não mais se vai usar rosa ou azul, mas a compreensão da sexualidade de forma mais ampla em suas nuances orientação sexual e identidade de gênero; não mais o silêncio pelo silêncio, mas a possibilidade de estar sendo colocado em prática comportamentos autodestrutivos e auto lesivos; não mais o “adolescente é assim mesmo”, mas como é ser esse adolescente em sendo ele mesmo, com as dimensões relacionadas a autoestima, autoconceito e autoimagem, sua insegurança emocional. Enfim, é caminhar junto, sem lançarmos mão de nossos pré-julgamentos, pré-concepções, pré-conceitos. É ir ao encontro!

Trabalhar com o adolescente, atualmente, é mergulhar para além das questões há muito impostas pela própria psicologia, interioridade e exterioridade, subjetividade. Conceitos estanques e que merecem um olhar mais aprofundado em nosso tempo.

Contrapomos, neste momento, a dimensão humana em ser interioridade linkada a uma exterioridade, culminando na subjetividade “conclusa e estanque” de algumas teorias. Lançar o olhar sobre a feericidade contemporânea é, também, redimensionar o olhar sobre o ser humano. Não somos interioridade ou subjetividade, somos subjetivação, dinamismo contínuo, inacabados e, por isso mesmo, em



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

busca do sentido a nós próprios e nosso caminhar. Não há um sentido para a vida, a vida é sentido (Castro, 2021).

Partindo dessa premissa, de que o adolescer é contínua processualidade e, conseqüentemente, movimento é que nos propusemos a compreender a dinamicidade relacional presente nessa fase da vida. Ainda buscam a tão famosa liberdade? Ser quem eles gostariam de ser? Que são donos insofismáveis da verdade? Sim. Contudo, tudo isso está permeado por quantidade de informações grandiosamente trazidas a eles, tendo em vista o bombardeio feérico no qual é o centro; por pertencer a uma configuração familiar que não se reconhece a si mesma e, conseqüentemente, aos atores sociais que dela fazem parte; por cobranças externas que, aliadas à autocobrança gigantesca promovem insegurança e a vivência do não-pertencimento.

Assim, é premente compreender o adolescente como sujeito ativo,

cuja trajetória diferenciada é geradora de sentidos e significações que levam ao desenvolvimento de novas configurações subjetivas individuais (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 207).

Neste sentido que no próximo tópico passaremos a dissertar sobre uma atividade que busca empreender esse olhar sobre a adolescência, o Plantão Psicológico.

Apresentando Plantão Psicológico

Acessibilidade, eis um ponto fundamental a partir do qual construiremos o pensamento acerca da atividade que desenvolvemos e que iremos aqui apresentar.

O acesso a serviço de Psicologia pela população é algo difícil a maior parcela da sociedade em geral. Por uma série de fatores que aí se fazem presentes (honorários, estereótipos relativos à psicoterapia,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

longas filas onde o serviço é gratuito etc), o sofrimento experienciado cotidianamente mantém-se em níveis estratosférico. Convém dizer, entretanto, nem todas as pessoas nessas condições precisam da psicoterapia, necessitam, em realidade, de um suporte psicológico para que possam compreender as dimensões do sentir, do sentimento, do emocional. Surge a proposta do Plantão Psicológico.

Lima, Carvalho & Pires (2020) ao trabalhar a temática, revelam que

surge como alternativa a essa problemática sendo entendido como uma modalidade da clínica psicológica focada no atendimento de demandas emergenciais e urgentes, ou seja, constitui-se como um pronto atendimento, um espaço de escuta psicológica, acolhimento e intervenção diante de situações de crise (p.153)

Pode-se inferir que o Plantão psicológico é um tipo de atividade que se completa em si mesma, podendo ocorrer em uma ou até 5 sessões – no caso específico – sem tempo de duração pré-determinado e que atende o adolescente no momento de sua crise, na própria escola e tem como objetivo facilitar a compreensão do que está vivenciando, da sua demanda trazida naquele momento. Os plantonistas são alunos de vários cursos de Psicologia da cidade de Manaus, desenvolvendo suas atividades em escolas da rede pública estadual e municipal de ensino. Neste caso, em escola estadual.

Convém lembrar que este tipo de atividade inicia com Rachel Rosemberg nos idos dos anos 60 e 70 no Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo sob o viés da Abordagem Centrada na Pessoa. Em nosso caso, iniciou em fevereiro de 2022 em uma escola estadual de ensino fundamental e estendeu-se para mais 12 escolas atualmente envolvidas.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Existem alguns critérios a serem seguidos pelos plantonistas sendo, a nosso ver, o fundamental composto de modo tripartite, a saber: acolher, escutar e cuidar. No que tange ao acolher é literalmente estar em disponibilidade para com esse outro que chega até nós com uma demanda específica e que, maioria das vezes, o tem levado a comportar-se de modo diferente, ou seja, interfere grandemente em suas configurações relacionais, da família à escola.

O escutar evidencia-se na possibilidade de compreensão do que está sendo trazido sem lançar mão de nossos próprios julgamentos ou concepções. Isso significa dizer que devemos considerar esse outro em sua trajetória singular a partir de seu contexto social, cultural e histórico no qual está imerso, respeitá-lo em sua integralidade e, com isso, no diálogo proposto, possibilitar que mergulhe em sua vivência, perceba sua implicação em sua própria vida e reflita sobre os fatores protetivos e de risco presentes em seu mundo relacional. Quando encontra ou mesmo elabora suas estratégias de enfrentamento. Cumpre ressaltar que não partimos do pressuposto de protagonismo desse outro por considerarmos que, no protagonismo, o que nos procura apenas repete um discurso que lhe imputaram no decorrer da vida. Assim, ousamos considera-lo “autor do próprio caminhar” e, dessa forma, tomar para si a responsabilidade por sua trajetória de vida.

O cuidado vem no sentido de nos responsabilizarmos, também, conjuntamente, pela processualidade da experiência em que esse outro possa ser considerado, de nossa parte, como capaz de se lançar além do problema trazido até nós. É o que Castro (2021) nos conclama a efetivar na relação com outrem, um olhar de generosidade para além da dor e do sofrimento que o estão constituindo naquele momento. É



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

presentificar-se e se mostrar presentificado, continente junto a esse outro que nos procura no plantão.

Todo esse movimento resulta no auto acolhimento, auto escuta e autocuidado necessários a tornar-se cada vez mais quem ele é. É, sem dúvida, a partir do plantão psicológico que o plantonista deverá “deixar-se afetar pelo outro”, pois, a partir daí, desse afeto que conseguirá caminha genuinamente com o que o procura e naquele momento não está sabendo por onde conduzir as situações pelas quais está passando.

É no encontro que o adolescente consegue refletir sobre a situação em si mesma e encontra as possibilidades de enfrentamento. Como nos falam Vendramel, Pocaia & Santos (2016, p.1) “o plantão psicológico como forma de atendimento na escola se torna apropriado para lidar com a situação do indivíduo e reduzir seu estado de sofrimento.”

Características do Plantão: apresentação do projeto para SEDUC, gestor, pedagogo, docentes, alunos e pais; demanda espontânea, acolhimento, escuta ativa, com frequência de até 5 encontros, a partir daí é realizado encaminhamento para a rede de apoio ao projeto; cada encontro com duração média 60 minutos, elaboração do relato e supervisão.

Fenomenologia

Edmund Husserl, matemático austríaco, elaborou uma proposta de método filosófico considerado como ciência de rigor, o método fenomenológico. Para esse autor, o mais importante de todo o processo científico é que se retornasse às coisas mesmas, ou seja, que a ciência retornasse ao sujeito principal de todo o seu objetivo, o ser humano.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Para tanto, empreendeu verdadeiro mergulho no existir humano e dentre outros aspectos ressaltou que à ciência e, principalmente a Psicologia, deveriam compreender o *Lebenswelt*, o mundo vivido, a experiência em si mesma, identificando o que surgia nas mais variadas situações, ou seja, o fenômeno.

Husserl desenvolveu uma extensa proposta metodológica. Entretanto, dada a exiguidade de espaço neste estudo, traremos o pensamento de Martin Heidegger, um de seus seguidores que irá, junto com outros autores, subsidiar a análise dos dados qualitativos deste estudo.

O alemão Martin Heidegger, discípulo de Husserl desenvolveu toda a sua teoria sobre o ser humano a partir da busca da compreensão do Ser, estrutura do conhecimento até aquele momento mantido sob o viés da metafísica.

Em sua proposta, Heidegger nos traz alguns conceitos que consideramos fundamentais serem trazidos para maior compreensão do que vamos explorar na análise dos dados.

O primeiro é *ser-no-mundo*. O filósofo considera o ser humano, cada um de nós sob esse viés de estarmos lançados no mundo, sujeitos às mais variadas contingências cotidianas sem termos escolhido estar no lugar em que estamos alocados. Ser-no-mundo é, em realidade, como diz Castro (2017, 2019) o modo muito próprio de cada ser humano interpretar a si mesmo e a vida. É o que nos caracteriza em ser quem e como somos.

Facticidade. Este constructo teórico diz respeito às situações que nos ocorrem diariamente, cotidianamente e que são vividas sob o viés da surpresa, do inesperado. São aquelas situações que, literalmente, nos retiram de nosso lugar seguro e acolhedor.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mundo. Para este autor, esse elemento constitui-se de três aspectos: o circundante, o humano e o próprio. Ao circundante lança um olhar no sentido de que estamos rodeados por uma gama imensa de elementos, dentre estes, as normas, os regulamentos, os regimentos e leis que regem a nossa sociedade, ou seja, os elementos reguladores de nosso caminhar social. O mundo humano diz respeito às relações, ao ser-com-o-outro. Assim, compreendamos que vivemos com esse outro que nos acompanha diuturnamente, seja em nossas configurações familiares ou em outras instâncias que atravessam no caminhar. Sempre somos com esse outro, em quaisquer situações. O mundo próprio é a relação que estabeleço comigo mesmo, é o olhar que lanço sobre mim mesmo ao experienciar, em meu cotidiano, as mais variadas situações que se fazem presentes em meu viver.

Aspecto que para Heidegger (2013) é fundamental em todo o caminhar do ser-no-mundo é o que tange ao Cuidado. Para o filósofo, ser-no-mundo é ser de Cuidado. Assim, para compreendermos a dimensão do vivido pelo outro devemos considerar que cada um de nós vivencia, experiencia a dimensão de cuidar. Um cuidar que vai além do velar e do zelar. É, em realidade, um auto desvelamento nosso em relação ao auto desvelamento do outro. Somos ambos fenômenos, o que surge, o que aparece. Compreender-me e compreender o outro como fenômeno significa refletir a mim e ao outro como seres de possibilidades. Assim, podemos viver a experiência difícil da comunicação de um diagnóstico, mas não somos a doença, não somos o diagnóstico, somos seres em contínua possibilidade de nos compreendermos para além das facticidades que se fazem presentes em nosso cotidiano.

Heidegger (2013), Castro (2017, 2019, 2020, 2021) ressaltam que ser-no-mundo é ser-com-o-outro. No Plantão psicológico de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inspiração fenomenológica, três aspectos são fundamentais na relação de aconselhamento: o acolher, o escutar e o cuidar. Várias demandas se fizeram presentes no decorrer da atividade e o objetivo deste estudo é compreender o que nos foi trazido sob o viés da Fenomenologia-Existencial.

Para a compreensão das várias dimensões presentes na experiência adolescente no que diz respeito a questões relativas ao ser-si-mesmo e o ser-com-o-outro foi elaborado o projeto plantão psicológico em escolas do sistema público do ensino fundamental e ensino médio na cidade de Manaus. Neste caso específico em escola de ensino fundamental e médio na cidade de Manaus.

MÉTODO

Tipo de pesquisa: viés quanti-quali que compreende a apresentação de itens mensuráveis e, concomitantemente, um olhar qualitativo sobre a vivência (CRESWELL, 2007). E na qualitativa a compreensão de vivências (MINAYO, 2014).

Participantes: 50 alunos regularmente matriculados no ensino fundamental e médio da escola de ensino do sistema público em Manaus, na faixa etária de 9 a 17 anos, auto identificados gênero masculino 9, gênero feminino 40 e gênero fluido 1. Destes, 35 no ensino fundamental e 15 no ensino médio.

Período: março a outubro de 2022.

Local: Escola do sistema de ensino público na cidade de Manaus onde foi cedida uma sala para que a atividade fosse realizada no turno matutino.

Resultados e Discussão

Inicialmente é trazido o viés qualitativo de pesquisa com alguns quadros que explicitam a dimensão da atividade realizada na escola.



Em seguida, as falas de alguns adolescentes, colhidas durante o plantão psicológico, subsidiam a análise qualitativa.

Viés quantitativo

Quadro 1: alunos por idade, raça, gênero, ano escolar

Idade	Gênero	Ano escolar	Quantidade	%
9 anos	F	Fundamental	1	2%
11 anos	F	Fundamental	5	12%
	M		1	
12 anos	F	Fundamental	7	16%
	M		1	
13 anos	F	Fundamental	12	28%
	M		2	
14 anos	F	Fundamental	2	10%
	M		2	
	Fluido		1	
15 anos	F	Médio	7	18%
	M		2	
16 anos	F	Médio	3	6%
17 anos	F	Médio	1	6%
	M		2	
18 anos	M	Médio	1	2%
			N=50	100%

Fonte: formulário de relato do plantão psicológico

O maior percentual relativo à idade é 13 anos com 28% (14), seguido de alunos com 15 anos com 18% (9) e alunos com 12 anos com 16% (8). Quanto ao ano escolar o Ensino Fundamental com 68% (34 alunos) e o Médio com 34% (16 alunos). No que tange a gênero



Feminino com 76% (38 alunas), Masculino com 22% (11 alunos) e gênero Fluido 2% (1).

Quadro 2: raça por percentual

Discriminação	Quantidade	Percentual
Branca	19	38%
Parda	31	62%
n	50	100%

Fonte: formulário de relato do plantão psicológico

O percentual por raça mostra a predominância da raça parda com 62% (31 alunos) e em seguida a raça branca com 38% (19 alunos).

Quadro 3: religião por percentual

Religião	Quantidade	Percentual
Católica	7	14%
Evangélica	14	28%
Umbandista	2	4%
Sem religião	27	54%
n	50	100%

Fonte: formulário de relato do plantão psicológico

Em relação a religião, autodeclarados sem religião com 54% (27 alunos), Evangélica com 28% (14 alunos) e católica com 14% (7 alunos).



Quadro 4: Demandas por percentual

Demanda	Quantidade	Percentual
Ansiedade	8	16%
Relações familiares	16	32%
Violência sexual por parente muito próximo	7	14%
Insegurança emocional	4	8%
Agressividade	5	10%
Baixa autoestima	5	10%
Comportamento autodestrutivo	1	2%
Sexualidade	4	8%
n	50	100%

Fonte: formulário de relato do plantão psicológico

A demanda mais prevalente foram relações familiares disfuncionais com 32% (16 alunos), ansiedade com 16% (8 alunos), violência sexual impetrada por parente próximo com 14% (7 alunas), agressividade e baixa autoestima com 10% cada (5 e 5 alunos, respectivamente), insegurança emocional e questões relativas à sexualidade com 8% (4 e 4 alunos, respectivamente) e comportamentos autodestrutivos com 2% (1 aluna).

Viés qualitativo: compreendendo as falas em algumas das demandas!

Relações familiares. Nicho onde nos construímos e constituímos quem e como somos. Cotidianamente, somos lançados em um mar de situações, corriqueiras alguns momentos, outros nem tanto, e esse vivenciar é que nos permite reconhecermos como quem somos. Contudo, existem configurações familiares onde essa vivência



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que deveria ser significativa de forma positiva passa por transformações. E a dor se torna o elemento fundante das relações experienciadas, como percebemos nos excertos abaixo. Sendo que no primeiro, a sensação de não ter com quem contar é resultado de um lado a mãe que acusa e cobra e de outro, o pai ausente.

Minha mãe não gosta de mim [choro] ela sempre fala que eu não sirvo pra nada e que foi um erro eu ter nascido [...] meu pai não fala nada [...] me sinto sozinha, não tenho com quem falar, com quem contar **(I.S.P, 12 anos, aconselhamento realizado em abril, 2022)**.

No caso em seguida, algo mais grave se faz presente. A omissão de uma grave situação ocorrida com a filha – o abuso sexual sofrido por parte do avô materno – trazendo, inclusive o parâmetro da religiosidade para formar o que podemos considerar como um pacto do silêncio cujo o maior objetivo é, sem sombra de dúvidas, a manutenção do status quo do violentador.

Contei pra minha mãe o que aconteceu [abuso sexual] mas ela disse que não poderia nunca contar porque somos uma família temente a Deus e Deus disse que temos de manter a família [choro] **(S.M.R.O. 15 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022)**

O outro, a família, que deveria primar pelo cuidado não realiza o que se comprometeu a fazê-lo, pelo contrário, afasta, marginaliza e mantém-se funcional em sua disfuncionalidade, o *ser-com-o-outro* torna-se muito comprometido e o *ser-com* é elemento fundamental para que o *ser-no-mundo* consiga compreender as facticidades que sobre ele advém (Heidegger, 2013; Castro, 2017, 2020, 2021).

Entretanto, como assevera Castro (2021) em seu estudo com mulheres violentadas sexualmente, manter a aparência de normalidade



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é algo muito presente nas famílias que, continuamente, mantém a vítima na condição da que não pode expressar o que ocorreu sob pena de estar sob a égide de Deus que a castigará se fizer a denúncia, tendo em vista que, a família deve estar em primeiro lugar, pois o Ser superior abomina tudo o que pode abalar a “estrutura basilar da sociedade”, criada por Ele.

Ansiedade. Situação contemporânea, atual, vivenciada em larga escala na sociedade atual, geralmente trazida sob o viés de um quadro nosológico comumente observado e que após o surgimento da pandemia de COVID-19 tem se tornado algo muito presente na vida das pessoas, nas mais variadas faixas etárias. Neste caso, uma adolescente de 13 anos que diante de determinadas situações adentra pela nosologia característica de um quadro de ansiedade extrema, chegando inclusive a perder a noção de temporalidade e espacialidade inerentes ao nosso cotidiano.

Não consigo controlar, fico tremendo, minha respiração fica rápida, meu coração bate rápido, tudo some, não sei onde estou (**E.R.F.B. 13 anos, aconselhamento realizado em março, 2022**).

Como revela Heidegger (2013) as facticidades, situações surpresa que nos ocorrem, nos lançam em verdadeiros redemoinhos emocionais, nos quais temporalidade (tudo some) e espacialidade (não sei onde estou) tornam-se comprometidas. A dimensão da situação em si mesma se torna preocupante, tendo em vista que, maioria dos casos dessa natureza imprimem na pessoa a sensação de serem incapazes de enfrentar o que está ocorrendo.

Adentrando ainda um pouco mais o que temos percebido nos quadros de ansiedade, a pessoa geralmente vivencia um quadro de culpabilização de quaisquer naturezas e, quando esse nicho culpa é



trazido, qualquer situação que ocorra é imediatamente considerada “gatilho” para o desenvolvimento do quadro de ansiedade.

Violência sexual impetrada por parente próximo. Quadro de extrema delicadeza e cuidado, uma vez que, essa adolescente foi violentada em várias ocasiões e por uma pessoa muito próxima, significativa que hoje, inclusive, nomina apenas como o “pai de minha mãe”, deixou de ser o avô, a figura geralmente carismática e cuidadora com quem as crianças são deixadas enquanto os pais trabalham. Como neste caso em que os pais precisavam deixar com o pai da mãe da menina para que pudessem ir à sua atividade laboral, confiantes de que haviam feito o melhor por essa filha, uma vez que, não a deixavam com estranhos que poderiam cometer atos violentos contra ela. Ledo engano, o mais próximo é que cometeu a ação violenta.

Meu avô [...] desde os 5 anos ele passava a mão em minhas partes íntimas [choro] [...] quando completei 10 anos ele disse que iria me dar um presente: ele me penetrou [choro compulsivo] (Y., **13 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Heidegger (2013) revela que ser-no-mundo é ser-de cuidado. Um cuidado para comigo mesmo, para com o outro, para com a vida. E a inautenticidade relacional se mostra nesta fala, uma vez que, o que deveria ser cuidador age de modo completamente nocivo, agressivo, invasivo.

Compreenda-se, neste momento, as várias nuances presentes neste ato. É a violência contra uma criança que estava sob seus cuidados. É a falsa sensação de tranquilidade vivida por esses pais. É a derrocada da concepção de família até esse momento vivenciada. Isso remonta a que Castro (2021) revela que a violência praticada contra uma menina, uma adolescente, uma mulher, atravessa todo a configuração familiar até aquele momento autoconsiderada “normal”,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“acima de qualquer suspeita”. Um caos emocional é instaurado e as consequências, muitas vezes é o impedimento à denúncia e, com isso, o silêncio se torna o elemento de ligação entre os membros dessa família ou realizar a denúncia e observarmos que a proposta de “normalização premente” vivida até a efetivação da denúncia cai por terra.

Considerações finais

Realizar a escuta com adolescente é sair de um lugar confortável. E, na escola, é adentrar em um nicho caracterizado como um turbilhão emocional. As demandas trazidas são vivenciadas como caos, onde a sensação é de que nada há mais a fazer, o sofrimento se instaura.

Trabalhar com Fenomenologia possibilita esse mergulho necessário junto a cada um desses adolescente e, ao colocarmos-nos em disponibilidade para acolher, escutar e cuidar, recebemos deles a confiança, o afeto, a gratidão que é manifesta no sorriso ao final de cada aconselhamento, mesmo diante da dor expressa. Muito há a contribuir para com esta parcela da população.

Compreendemos que as situações são vivenciadas à condição de caos. Entretanto, caos é movimento, é possibilidade, é permitirmo-nos ir além do que está posto e mergulhar na própria historicidade que construímos no decorrer de nosso caminhar. É permitir-se entender que não somos natureza humana, muito menos condição humana. Somos conquista!

A certeza? Que toda teoria somente tem sua pluridimensionalidade observada ao ser transformada na prática para além de constructos estanques.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Referências

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica – Appris*, p. 157-176.

Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>

Creswell, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto trad. Luciana Rocha – Artmed, 2007

Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2014). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade - Vozes*.

Lima, Flávio Lúcio Almeida; Carvalho, Ana Rosa Rebelo Ferreira de; Pires, Geanne Moraes. (2020) Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada: uma revisão integrativa. *Revista Saúde e Ciência online*, v. 9, n. 1, (janeiro a abril de 2020), p. 152-169. Ribeiro

Vendramel, Mayra Caroline; Pocaia, Patrícia de Oliveira Ferreira; Santos, Laíze da Silva. A importância do plantão psicológico no ambiente escolar. *Psicologia.pt*. Portugal, p. 1-5, janeiro, 2017

Recebido em 20.11.2022 Aceito em: 27.11.2022 Publicação: 01-01-2023

Autores

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Faculdade Santa Tereza. Membro do Grupo de Pesquisa



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>